

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n35.04>

## Ser diferente é uma maldição: a vida após o fim do mundo na trilogia *A terra partida*, de N. K. Jemisin

*Being different is a curse: life after the end of the world in The Broken Earth trilogy, by N. K. Jemisin*

Débora Almeida de Oliveira\*

**Resumo:** O presente trabalho analisa a trilogia *A Terra Partida*, da autora norte-americana Nora Keita Jemisin, composta pelas obras *A Quinta Estação* (2015), *O Portão do Obelisco* (2016) e *O Céu de Pedra* (2017). Este trabalho pretende mostrar as relações de opressão encontradas na trilogia, estabelecendo uma conexão entre o ser diferente e as formas de escravidão, preconceito e morte descritas nas narrativas. O aporte teórico, voltado para a literatura de fantasia afrofuturista, tem, entre outros, Ain-zaila (2018), Bigoni (2019) e Waldson Souza (2019).

**Palavras-chave:** Afrofuturismo. Magia. Apocalipse. Escravidão.

**Abstract:** The present work analyzes The Broken Earth trilogy, by the North American author Nora Keita Jemisin, composed by the books *The Fifth Season* (2015), *The Obelisk Gate* (2016) and *The Stone Sky* (2017). This work intends to show the relations of oppression found in the forementioned trilogy, establishing a connection between being different and the forms of slavery, prejudice and death described in the narratives. The theoretical contribution, under the perspective of Afrofuturist fantasy literature, includes, among other voices, the works by Ain-zaila (2018), Bigoni (2019) and Waldson Souza (2019).

**Keywords:** Afrofuturism. Magic. Apocalypse. Slavery.

### N. K. Jemisin: literatura de fantasia afrofuturista

Para todos aqueles que têm de lutar pelo respeito que todos os outros recebem sem questionamentos (JEMISIN, 2017, p. 7)

Nora Keita Jemisin, autora afro-americana, é considerada um expoente em várias frentes na literatura. Conhecida como N. K. Jemisin, ela é tida como escritora de ficção científica e fantasia, embora suas obras, frequentemente, escapem com facilidade das amarras que li-

\* Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS).

mitam os gêneros literários em definições fixas. Mulher, Jemisin se aventura, com sucesso, em um gênero dominado, majoritariamente, por homens. Negra, ela elabora narrativas afrofuturistas<sup>2</sup>, destoando das tradicionais vozes que representam a branquitude em fantasias épicas, como Tolkien em *O Senhor dos Anéis* ou Patrick Rothfuss em *O Nome do Vento*, para mencionar apenas alguns. Feminista, suas personagens femininas tomam o protagonismo e não servem apenas como ferramentas para auxiliar ou tentar o homem em sua jornada do herói. Avesa a preconceitos, ela dá um grande passo rumo à diversidade, incluindo personagens do universo LGBTQIAP+, que são representados sem julgamento de valor. Tais características a tornam uma das recentes vozes dissonantes, e necessárias, dentro do universo da literatura de fantasia, gênero tradicionalmente representado como masculino, branco, heteronormativo e neurotípico. O pesquisador brasileiro Waldson Souza faz uma afirmação sobre os autores da ficção especulativa no Brasil, mas sua ideia também se estende aos autores norte-americanos e europeus.

Se por um lado a ficção especulativa [fantasia, ficção científica e horror sobrenatural] é produtiva na profusão de temáticas, abordagens e recursos que refletem em seus numerosos subgêneros, por outro ainda mantém um perfil homogêneo no que diz respeito à autoria e personagens. Esse perfil, em ambos os casos, é composto por sujeitos brancos, heterossexuais, de classe média, sem deficiência, e está presente na literatura, no cinema, nas séries de televisão e nos jogos eletrônicos de um modo geral. (SOUZA, 2019, p. 22)

Apesar dos obstáculos encontrados por mulheres, ainda mais negras, no meio da produção de obras de fantasia, N. K. Jemisin coleciona indicações literárias e prêmios ao longo de sua carreira. Sua trilogia *A Terra Partida* é, provavelmente, o conjunto de obras mais reconhecido devido ao sucesso em concursos de premiação. A saga é composta pelos livros *A Quinta Estação* (2015), *O Portão do Obelisco* (2016) e *O Céu de Pedra* (2017). A escritora tornou-se, até o momento,

<sup>2</sup> O termo afrofuturismo tem sua criação atribuída ao crítico cultural americano Mark Dery que, em 1994, questionou a ausência de autores afro-americanos na ficção científica. Segundo o autor, “A ficção especulativa que trata de temas afro-americanos e que lida com as preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século vinte – e, mais genericamente, a significação afro-americana que se apropria de imagens da tecnologia e de um futuro prosteticamente aperfeiçoado – pode, por falta de um termo melhor, ser chamada de “Afrofuturismo” (DERY, 2020, p. 16).

a única autora a ganhar, por três anos seguidos, o prêmio Hugo<sup>3</sup> Awards na categoria de Melhor Novela – em 2017, com *A Quinta Estação*, em 2018, com *O Portão do Obelisco* e, em 2019, com *Céu de Pedra*. Além disso, *O Céu de pedra* foi igualmente agraciado com o prêmio Locus e o prêmio Nebula, ambos na categoria de melhor romance. No Brasil, a editora Morro Branco publicou as obras traduzidas para o Português, respectivamente, em 2017, 2018 e 2019, nos mesmos anos em que elas ganharam o Hugo Awards.

A trilogia *A Terra Partida* descreve um mundo alternativo afro-futurista em que seus habitantes lutam para sobreviver ao ódio do Pai Terra. Em algum momento passado, há milhares de anos, a civilização alcançou seu apogeu tecnológico, social e econômico. Ao tentar utilizar tecnologia de ponta para captar o que era chamado de magia, os cientistas da principal cidade constroem uma rede de obeliscos que orbitariam ao redor do planeta e capturariam os fluxos de energia do centro da Terra. Assim, de modo *ad infinitum*, criariam um *loop* para redirecionar essa energia, de modo que a força vital do coração da Terra seria utilizada como fonte de magia pelos humanos, como um combustível que nunca se esgotaria. Entretanto, tal plano se mostra um erro de dimensões catastróficas quando os obeliscos saem de controle e a lua é arremessada para fora de sua órbita, levando a humanidade a sua quase extinção. Esses fatos, porém, são apresentados apenas no último livro da trilogia.

Na primeira obra, o leitor se encontra inserido em um mundo onde os habitantes regrediram a uma quase selvageria, vivendo com poucos resquícios da tecnologia passada em comunidades chamadas de comus. Cada comu separa os moradores por castas, de acordo com sua utilidade (reprodutores, sabedoristas, costas-fortes, resistentes, inovadores etc.). O principal objetivo de cada ser humano ao redor do planeta é sobreviver às Quintas Estações, períodos de grandes cataclismos como terremotos, vulcões expelindo cinzas que cobrem o céu, tsunamis, chuva ácida etc. Cada estação pode durar entre décadas e centenas de anos e, em cada uma delas, a regra é sobreviver dentro de uma comu. Habitantes sem comu formam bandos saqueadores e acabam não resistindo às cinzas ou aos animais, que hibernam nesses

---

<sup>3</sup> O prêmio Hugo é entregue anualmente desde 1953 a contos, noveletas e novelas de fantasia ou ficção científica escritas em língua inglesa ou traduzidas para o inglês.

períodos e se transforma em predadores mortais dos seres humanos quando estão com fome, mesmo os que não comem carne.

Nesse mundo da Quietude, sem levar em conta os animais, três tipos de seres são tidos como raças diferentes: os quietos, os orogenes/roggas e os comedores de pedra. Através da dinâmica de relacionamento e características de tais raças, é possível entender o mundo mágico e científico que sustenta a obra de Jemisin. Os quietos são as pessoas consideradas “normais”, sem qualquer tipo de poder. Já os orogenes são aqueles que possuem a capacidade telecinética de entrar em contato com o planeta e “sensar” (sentir, perceber) abalos sísmicos, por menores que sejam, graças à glândula sensapinae maior e mais complexa que as das pessoas normais. Assim, eles podem não só sentir quando um vulcão está prestes a entrar em erupção, mas, também, são capazes de impedir que o desastre ocorra se houver treinamento adequado e controle de seu poder. A orogenia, na obra, não é vista exatamente como magia, mas como uma capacidade biológica inata, como respirar. A orogenia é apresentada como a habilidade de direcionar e redirecionar os fluxos de energia da terra. Assim, ela é trabalhada como algo científico, cuja excelência se dá com treino, estudo, sacrifício e dedicação. À medida que a trilogia avança, descobre-se que existe uma rede mágica de fios prateados invisíveis (a não ser para os orogenes mais poderosos) que é chamada de magia, fornecida a partir da vida que emana do Pai Terra (como o planeta é chamado). Portanto, seria possível afirmar que a magia, quando utilizada através da orogenia, torna os resultados do processo mais eficientes e, ao mesmo tempo, mais perigosos. No entanto, os mecanismos da orogenia não são completamente entendidos nem por aqueles que se dedicam a estudar esse fenômeno.

O sucesso de um orogene significa impedir cataclismos e salvar pessoas, enquanto o fracasso significa perder o controle e inconscientemente congelar tudo ao redor da espiral criada quando o poder entra em ação e matar a todos no raio desta espiral. Além disso, orogenes, se irritados, podem provocar todo tipo de desastre natural e, quanto mais jovem e inexperiente for, maiores são os riscos de morte acidental dos que estão por perto. Assim, os orogenes são perseguidos e mortos tão logo demonstrem qualquer tipo de poder na infância, e a população os chama pelo nome derogativo de roggas. Aqueles que conseguem ser encontrados pelos guardiões antes do linchamen-

to popular são levados para o Fulcro. Instituição semelhante a uma universidade, o local serve de base de treinamento teórico e prático para que os orogenes, trabalhando para o governo, mantenham os desastres naturais sob controle, impedindo o desmoronamento de comus e o desaparecimento de áreas inteiras. Apesar de serem seres humanos, o fato de não serem “normais” os coloca, irremediavelmente, sob o viés de uma raça não-humana. Ser diferente é considerado, por muitos, uma sentença pior do que a morte.

Os comedores de pedra, por sua vez, são seres humanoides imortais que podem variar do branco gelo ao marrom e se movem como estátuas. Seus movimentos são lentos, mas, por outro lado, eles são capazes de se desmaterializar e atravessar paredes sólidas, além de desaparecerem no chão em um lugar e aparecer em outro. Saberemos, mais tarde, que também conseguem atravessar o planeta de uma ponta a outra mergulhando nos estratos da terra até o magma. Orogenes que usam a magia além de suas capacidades acabam virando pedra e são devorados pelos comedores. Pessoas que foram transformadas por orogenes em pedras, seja por motivo de ódio, vingança ou autodefesa, também acabam devoradas por esses seres, cuja origem só será explicada no final da trilogia.

O cenário e os personagens até aqui apresentados colocam a trilogia *de A Terra Partida* em um limiar na classificação de gêneros literários, suscitando mais de uma perspectiva. Jemisin é considerada uma escritora de fantasia e ficção científica, no entanto, *A Terra Partida* pode ser lida como um gênero híbrido entre essas duas classificações, na medida em que há o componente mágico, mas também há o científico. Como diz Souza:

Em suma, a fantasia e a ficção científica podem ser entendidas como gêneros que não estão muito distantes um do outro. A distinção, em alguns casos, é tênue, e a mudança de uma para outra pode ocorrer durante a narrativa. Nem toda obra poderá ser definida como sendo de apenas um gênero, porque apresentará características dos dois. (SOUZA, 2020, p. 14)

Outra nomenclatura é aplicada não só a essa trilogia, mas ao conjunto de obras da autora: literatura afrofuturista ou literatura afro-fantástica. A autora Ain-Zaila complementa o conceito elaborado por Dery na década de 1990, dando mais ênfase ao sujeito negro enquanto dono de seu próprio destino, seja em que época for:

Afrofuturismo, a ideia de um modo geral tem a ver com a projeção de pessoas negras no futuro: protagonistas de seus destinos, se vendo capazes de salvar e mudar qualquer mundo, em qualquer época através de suas decisões e ações, se tornando heroínas e heróis de face negra diante de qualquer jornada que tomem como sua (AIN-ZAILA, 2018, p. 13).

Ain-Zaila acredita que o termo afrofuturismo é, além de tudo, uma metáfora da realidade vivida por negros, que acabam encontrando, na literatura, a oportunidade de se espelharem em temas e assuntos que lhes são caros. A literatura afrofuturista pode ser, inerentemente, inclusiva, ao colocar em evidência pessoas que, em certo período histórico, tiveram suas identidades apagadas enquanto sujeito.

Desta forma, podemos concluir que o Afrofuturismo é uma metáfora afrocentrada realista sobre o verdadeiro reflexo de uma pessoa negra, que precisa experimentar o seu *eu enegrecido em essência*, seja como escritor ou escritora, leitor ou leitora, compreendendo que é possível e mais do que justo que protagonize o seu destino ou que crie mundos onde heróis e heroínas de face negra sejam sujeitos da narrativa (AIN-ZAILA, 2018, p. 8, grifo do autor)

Quando se estuda *A Terra Partida*, é possível encontrar mais termos utilizados pelos críticos ou leitores, a depender da perspectiva e do foco com que se pretende realizar a análise. Para mencionar os mais recorrentes em resenhas e artigos, é possível citar as expressões ficção especulativa, romance distópico, distopia ecofuturismo, ficção científica, ecocrítica, fantasia contemporânea, fantasia ecológica, utopia feminista, fantasia épica e comentário social. Para fins do presente trabalho, *A Terra Partida* é vista aqui, em especial, sob o viés da literatura de fantasia adulta afrofuturista. A magia e a orogenia, termos ainda intercambiáveis dentro da obra, podem ser vistas como uma metáfora que justificaria a morte, a opressão e a escravidão de pessoas negras. Afinal, em épocas passadas, vozes brancas e científicas afirmavam que negros eram seres não humanos e, portanto, poderiam ser escravizados como animais. O pensamento de que negros seriam não humanos pode ser lido entre escritores brancos e famosos como, por exemplo, Fernando Pessoa, que teria sido um escravocrata racista ao afirmar, em uma de suas cartas:

A escravatura é lógica e legítima; um zulu ou um landim não representa coisa alguma de útil neste mundo. Civilizá-lo, quer religiosamente, quer

de outra forma qualquer, é querer-lhe dar aquilo que ele não pode ter. O legítimo é obrigá-lo, visto que não é gente, a servir os fins da civilização. (ZENITH, 2022, p. 615)

Tamanha eram as técnicas de lavagem cerebral que muitos sujeitos se viam, realmente, como raça inferior, por falta de alternativas de vivenciar o mundo. Sobre essa relação direta da obra de Jemisin enquanto fantasia afrofuturista repleta de denúncias sociais, Bigoni afirma:

Sociedades opressivas objetivam incutir a crença de que algumas pessoas merecem um tratamento melhor do que outras não apenas naqueles que tem a permissão de gozar certos benefícios, mas, também, naqueles que mal são considerados humanos. Através de sua narração, Jemisin expõe o padrão opressivo que foi aplicado muitas vezes na história e, mais especificamente, que foi usado contra as pessoas Afro-Americanas. A história que ela conta é uma história de sofrimento, opressão, marginalização, violência e desespero, mas, também, é uma história de resiliência, força, resistência, coragem e amor.<sup>4</sup> (BIGONI, 2019, n.p., tradução nossa)

De fato, a obra de Jemisin apresenta vários níveis de violência, em especial contra a orogenia, que dá ao sujeito o poder de ser, ao mesmo tempo, diferente e poderoso o suficiente para escapar do controle imposto pelas regras sociais ou pelas normas do governo. Por outro lado, a resiliência que muitos personagens orogenes demonstram frente às dificuldades, bem como suas estratégias de sobrevivência em um mundo onde tanto a natureza do planeta como seus habitantes são hostis, servem de exemplo para os leitores. Por mais que os escravizadores e preconceituosos do mundo tentem, jamais será possível apagar de forma completa aquilo que é considerado inato em qualquer espécie: a vontade de viver e continuar.

---

<sup>4</sup> Do original: Oppressive societies aim at instilling the belief that some people deserve a better treatment than others not only in those who are allowed to enjoy certain benefits but also in those who are barely considered to be human. Through her narration, Jemisin exposes the oppressive pattern that has been put into place many times during history, and, more specifically, that has been used against African American people. The story she tells is a story of suffering, oppression, marginalization, violence, and desperation, but it is also a story of resilience, endurance, resistance, courage, and love.

## Essun: a jornada da mãe

No primeiro volume da trilogia, o leitor conhece A Quietude, nome do grande continente onde os habitantes moram, em sua maioria, em pequenos vilarejos chamados de comus, enquanto alguns moram em Yumenes, a maior e mais desenvolvida cidade. O narrador apresenta as protagonistas da narrativa: Essun, Damaya e Syenite. Cada uma delas tem sua história contada em capítulos diferentes que se intercalam, alterando o foco narrativo. A primeira narrativa é a de Essun, uma mulher em seus quarenta anos que vive em Tirimo, um pequeno vilarejo ao pé de uma montanha. Casada, mãe de uma menina de oito anos e um menino de três, ela é professora de creche, enquanto o marido é um britador da casta de uso Resistente.

O nome da mulher é Essun. Ela tem 42 anos. É como a maioria das mulheres das latmedianas: alta quando está de pé, tem as costas retas e pescoço comprido, com quadris que facilmente deram à luz duas crianças e seios que facilmente as alimentaram, bem como mãos largas e ágeis. Semblante forte, corpo robusto: essas coisas são valorizadas na Quietude. Seu cabelo recai em torno de seu rosto em cachos espiralados como uma corda, cada um talvez do diâmetro de seu dedo rosado, preto clareando para castanho nas pontas. Sua pele é de um desagradável tom ocre-marrom, segundo alguns padrões, e de um desagradável tom moreno pálido, segundo outros. Latmedianos vira-latas, assim os yumenescenses chamam (chamavam) pessoas como ela... há traços típicos de sanzed suficientes para se notar nela, mas não suficientes para se ter certeza de sua origem. (JEMISIN, 2017, p. 20-21)

A trajetória de Essun é contada na segunda pessoa, enquanto as trajetórias de Damaya e Syenite são apresentadas em terceira pessoa, com um narrador multifocal. O uso de “você” na narração de Essun, coloca o leitor como se fosse a personagem. No entanto, o que parece ser apenas um estratagema literário para provocar a empatia do leitor com Essun irá se provar, nas últimas páginas do terceiro volume, como uma narração cuidadosamente preparada para surpreender os leitores, pois a identidade do narrador e do narratário será revelada como uma grande surpresa que impacta as suposições até então realizadas. No primeiro parágrafo de *A Quinta Estação*, a história de Essun inicia com morte e sangue para, em seguida, mudar de assunto a partir do segundo parágrafo.

Vamos começar com o fim do mundo, por que não? Acabamos logo com isso e passamos a coisas mais interessantes. Primeiro, um fim pessoal. Há uma coisa sobre a qual ela vai pensar repetidamente nos dias que estão por vir, enquanto imagina como seu filho morreu e tenta entender algo tão inerentemente sem sentido. Ela cobrirá o corpinho destruído de Uche com um lençol... menos a cabeça, porque ele tem medo do escuro... e se sentará ao seu lado, entorpecida, e não prestará atenção ao mundo que está acabando lá fora. O mundo já acabou dentro dela, e nenhum dos dois fins acontece pela primeira vez. A essa altura, ela já está calejada. O que ela pensa naquele momento, e dali em diante, é: *Mas ele estava livre*. E é o seu amargurado e fatigado ser que responde a essa quase pergunta toda vez que seu perplexo e horrorizado ser consegue fazê-la: *Ele não estava. Não de verdade. Mas agora vai estar*. (JEMISIN, 2017, p. 11)

Empregando a técnica literária *media res*, que consiste em começar a narrativa no meio da história em vez de no início, Jemisin irá introduzir as personagens, os cenários e os conflitos através de uma série de *flashbacks* alternados com a narração do presente. Entre mudanças de foco narrativo, múltiplos pontos de vistas e capítulos alternados com as histórias de Damaya e Syenite, os acontecimentos que levaram ao trágico fim de Uche, filho de Essun, são revelados.

Essun, ao retornar do trabalho, encontra seu filho morto por espancamento na sala de casa. Em estado de choque, ela não consegue sair do lado do corpo. Enquanto isso, um abalo sísmico causado por um terremoto de proporções planetárias, a ponto de desencadear uma nova Quinta Estação, ocorre nesse exato momento. De forma instintiva e telecinética, ela usa a orogenia que vinha escondendo de todos para fazer com que o tremor não abale e destrua a comu, redirecionando sua energia para outro local. Ninguém sabe sobre o passado de Essun, só que ela havia chegado sozinha há dez anos e se estabelecido na comu. Se soubessem que ela é uma orogene, eles a teriam matado. Ao se casar e ter dois filhos, Essun sabe que deu à luz duas crianças como ela e, em segredo, as ensina para que seus poderes nunca sejam descobertos. Ainda bebês, ambos reagem de forma instintiva aos tremores da terra, mas a mãe usava a própria orogenia para anular as consequências das reações imprevistas dos filhos. O pai, um quieto, jamais havia desconfiado.

A partir de então, é possível entender que Jija, pai de Uche, certo dia percebeu que o filho era um orogene e o espancou até a morte. Esse é o primeiro momento em que o elemento mágico da obra causa

sua primeira morte. Por possuir o dom (ou maldição) de usar orogenia, uma criança de três anos é brutalmente assassinada pelo pai. Assim como em muitos casos no mundo factual, aquilo que é diferente do padrão normativo de comportamento deve ser eliminado. Essa crítica perpassa toda a obra de Jemisin.

Quando Nassun, a filha mais velha, chega em casa, ela também é quase morta, sendo salva apenas pela lembrança do amor que o pai sentia. Ensanguentado e fora de si, ele se encontra prestes a matar a filha, mas hesita, pois sempre a viu “como sua garotinha”. Assim, ele decide levá-la para um determinado lugar onde, segundo ouvira há muito tempo, orogenes poderiam ser curados. Após sua partida com Nassun em uma carroça, a notícia de que ele havia assassinado o filho se espalha pela comu e as pessoas o apoiam. Essun teria sido confrontada em pouco tempo, mas o cataclismo distrai a população e o médico local, Lerna, ajuda Essun a se recompor, já que ele era o único que sabia desse segredo e o aceitava. É iniciada, então, a jornada de Essun em busca da filha sequestrada e em busca de vingança contra o ex-marido. Isso, relevante dizer, após Essun deixar a comu destruída e uma porção de pessoas mortas, transformadas em pedras de gelo. Ela havia tentado partir sem violência, mas, como frequentemente o leitor notará na obra, os quietos parecem preferir ataques de flechas pelas costas, a uma distância segura da espiral mortal do orogenes. Alguns orogenes, no entanto, possuem muito poder e o alcance de sua espiral e de sua fúria é longo.

Importante ressaltar que essa jornada, por si, já é uma quebra de paradigma dentro do gênero de literatura de fantasia. Jornadas épicas, tradicionalmente, representam a busca do herói branco heteronormativo em busca da salvação do mundo. Para tanto, ele receberá ajuda de homens com dons mágicos, em geral sábios e magos, enquanto as mulheres dessa jornada serão coadjuvantes. Seus inimigos serão vilões não humanos ou, se humanos forem, suas maldades ultrapassarão o limite do aceitável e os fins justificarão os meios. Em *A Terra Partida*, ao contrário, as protagonistas, assim como outras mulheres na trilogia, assumem suas próprias jornadas sem que o consentimento do homem seja uma questão levantada. Jemisin coloca sob os ombros de Essun a jornada da mãe, mulher e negra em busca da filha sequestrada pelo marido. Além disso, sua sexualidade já demonstra ser fluída, como indica o narrador ao comentar que “A açougueira provavelmente sabe

o seu nome porque gosta de flertar com você” (JEMISIN, 2017, p. 27). Ela não gosta de matar, mas, se necessário é, assim ela o faz, mesmo que seus inimigos sejam pessoas comuns e conhecidas, tão humanas e falhas quanto ela. Indo além de paradigmas, Essun não recebe ajuda de sábios magos e nem precisaria deles pois, ao contrário do herói épico da literatura de fantasia com caráter medieval, Essun tem seu próprio poder e sua resiliência após anos de escravidão.

### **Damaya: infância não acolhida**

Após a apresentação de Essun, o leitor acompanha a personagem Damaya, uma menina do pequeno vilarejo Palela. Trancada em um celeiro e passando frio e sentindo-se suja com o cheiro de suas próprias necessidades físicas, Damaya tenta entender como quase levou um menino à morte na escola, quando ele a empurrou e a ameaçou. Ao ser descoberta como orogene, uma maldição para qualquer um, sua mãe a trancara e pediu ao chefe da aldeia para chamar um Guardiã com o propósito de matá-la. Os Guardiões, homens e mulheres com poderes especiais, eram capazes não só de anular a orogenia de um orogene temporariamente, mas também podiam matá-los de dentro para fora, fazendo com que o corpo se desintegrasse em nível molecular. A função do Guardiã<sup>5</sup> era encontrar, treinar e supervisionar os orogenes no Fulcro, colocando-os a serviço do bem comum, ou seja, trabalhando para impedir desastres naturais em troca de dinheiro.

Quando o Guardiã encontra Damaya no celeiro, o leitor entende que a mãe a teme, além de não gostar da menina. Schaffa, o guardião, a leva embora e, a partir daí, Damaya começa a nutrir amor e respeito por aquele que representa uma figura paterna, aparentemente bondosa. Logo no caminho para o Fulcro, Schaffa quebra sua mão para ilustrar o que acontece com os orogenes que desobedecem. Assim, inicia-se o ciclo do que chamamos, no mundo factual<sup>6</sup>, de culpabiliza-

<sup>5</sup> Pode parecer um paradoxo os habitantes da Quietude matarem os diferentes, ou seja, usuários de orogenia, e não matar os Guardiões. É preciso dizer que eles utilizam uma magia desconhecida, que não é orogenia, e são mortos durante as estações. Nesse período todos os orogenes são executados e os Guardiões se recolhem em um local que ninguém conhece para escaparem da morte certa, pois sem o orogenes eles deixam de ter utilidade para as comus.

<sup>6</sup> Neste trabalho é usado o termo mundo factual para indicar o mundo natural do leitor e evitar a expressão mundo real, pois a oposição do mundo ficcional (a história narrada) e o mundo real (mundo do leitor) pode dar margem a diferentes interpretações sobre os conceitos de realidade e ficcionalidade.

ção da vítima. As crianças orogenes aprendem desde cedo que elas apanham para o próprio bem, isso sem contar as torturas psicológicas, físicas e sexuais que sofrem. A cena a seguir mostra a dimensão do tratamento dado às crianças e como Damaya internaliza que basta não provocar o algos para que a violência não ocorra.

*Vocês representam todos nós*, os instrutores dizem, se qualquer grão ousa protestar contra esse tratamento. *Quando estão sujos, todos os orogenes estão sujos. Quando são preguiçosos, todos somos preguiçosos. Machucamos vocês para que não prejudiquem o restante de nós.* No passado, Damaya teria protestado contra a injustiça de tais julgamentos. [...] As crianças do Fulcro são todas diferentes: diferentes idades, diferentes cores, diferentes formas. [...] Não dá para esperar semelhanças em meio a tanta diferença, e não faz sentido para Damaya ser julgada pelo comportamento de crianças que não têm nada em comum com ela exceto a maldição da orogenia. Mas Damaya entende agora que o mundo não é justo. Eles são orogenes, os Misalems do mundo, nasceram amaldiçoados e terríveis. Isso é o que é necessário para torná-los seguros. De qualquer forma, se ela fizer o que deve fazer, nada de inesperado acontecerá. (JEMISIN, 2017, p. 249, grifos nossos?)

Damaya se esforça para fazer parte do Fulcro apesar do risco de ter ossos quebrados a qualquer momento porque ela encontra um propósito que não tinha antes: tornar-se uma orogenes poderosa e ganhar anéis. No Fulcro, a cada nível alcançado um orogenes ganha um anel, sendo que um orogene nível dez anéis é o máximo da hierarquia. Quanto mais anéis, mais privilégios. A conversa que Damaya tem com Binof, uma menina comum que havia entrado escondida no Fulcro, diz muito sobre como ela se vê e o que ela almeja: “— Nós não somos crianças — diz ela, irritada. Binof pisca. — Somos grãos...Orogenes imperiais em treinamento.” (JEMISIN, 2017, p. 370). Ainda tentando se convencer de que haveria um bem maior que exigiria sacrifícios, Damaya propõe para si mesma uma justificativa para as cenas de violência física contra os grãos: “Vão se passar muitos anos antes que Damaya entenda que, quando os instrutores matam um aluno que comete muitos erros, não é com o intuito de que seja uma incitação, mas sim uma misericórdia.” (JEMISIN, 2017, p. 237)

As condições a que Damaya é submetida enquanto menina orogene, ou seja, aquela que é, de algum modo, diferente da normativa social, exemplifica o controle do estado sobre os corpos dos cidadãos. Tal poder é similarmente exercido no mundo factual e representado

na literatura, em especial, no que diz respeito a corpos negros femininos e desviantes da norma heterossexual. No caso de Damaya, a opressão se torna ainda mais atroz por se tratar de uma criança, ainda que amadurecida precocemente diante das provações enfrentadas na obra. Sobre o modo como sua obra representa o viver no mundo enquanto mulher negra, Jemisin fez o seguinte comentário em entrevista concedida ao jornal *Estadão*, em 2018:

**Desde que você começou a escrever a saga, houve alguma mudança na história para refletir questões políticas que surgiram nos EUA?** Não. Todo meu trabalho reflete as experiências de uma mulher afro-americana, descendente de escravos, que vive na América contemporânea. Às vezes essa reflexão é apenas menos abstrata. (ENTREVISTA, 2018, n.p.)

Damaya, em seu esforço para agradar os Guardiões e conseguir respeito e autoconfiança, acaba por suscitar a raiva de outros grãos e, como em uma escola comum, ela sofre bullying. Damaya não é diferente, nesse caso, apenas por usar orogenia, afinal, todas as crianças do Fulcro possuem a mesma maldição. Ela é diferente por usar bem a orogenia e, assim, ganhar as melhores notas. As chances de Damaya ser morta, exilada ou, simplesmente, desaparecer misteriosamente são muito pequenas, pois o que define o sucesso de um grão é seu autocontrole, obediência cega e, principalmente, sua capacidade de ter sua índole adestrada conforme os interesses de seus “donos”. Orogenes muito poderosos que, de alguma maneira, dão sinais de que podem escapar do domínio do Fulcro, também são mortos. Questionamentos, rebeldia e comportamento inapropriado são severamente punidos, não importa a idade e nem o nível de poder do orogenes. A diferença são os métodos empregados. Apesar de Damaya não se reconhecer como escrava, outros grãos têm consciência do nível de escravidão e opressão que eles vivenciam. Estar no Fulcro é somente ser um escravo que não foi morto na infância pelos seus. A criança negra, no mundo factual, igualmente experimenta bullying dos colegas e, muitas vezes, até mesmo dos professores. Jemisin é bastante competente ao mostrar essa realidade velada através do sofrimento ficcional imposto aos orogenes.

Outra realidade terrível representada por Jemisin através de Damaya é o abuso sexual contra vulneráveis, cometido por adultos que, supostamente, deveriam protegê-los. Damaya teme o bullying de

seus colegas não porque está sem amigos, mas porque as situações armadas podem levá-la a ser congelada até a morte por algum Guardião. Para se proteger, ela arma um esquema para que os verdadeiros culpados por esconderem seus sapatos acabem se revelando. Para choque do leitor, a revelação das crianças mostra para Damaya o nível de degradação a que eram submetidas, como fica claro na cena a seguir:

— Seu *puto* ferrugento filho de um canibal! — Colapso cerra os punhos.  
— Você *deixou* aquele velho pervertido te apalpar em troca de bebida e uma carta, você sabe muito bem que não daria a bebida para nós só pelos *sapatos*...  
— Era da minha mãe! — Jasper sem dúvida está chorando agora. — Eu não queria que ele, que ele, mas eu não podia... Eles não iam me deixar escrever para ela...  
— Você gostou — diz Colapso com desdém. — Eu disse para você que ia contar se você falasse alguma coisa, não disse? Bem, eu vi você. Ele enfiou os *dedos* em você e você gemeu como se estivesse *gostando*, igualzinho ao aspirante a Reprodutor que você é, só os Reprodutores têm *padrões*... [...]  
— Não! — Jasper diz aos prantos para Colapso. — Eu disse para você não contar! — Ele está soluçando abertamente agora. [...] Alguns dias depois, Maxixe Beryl volta com as mãos quebradas e os olhos assombrados; ele nunca mais fala com Damaya. Jasper não volta, mas Carnelian conta-lhes que ele foi mandado para uma filial do Fulcro no Ártico, já que o Fulcro de Yumenes guarda tantas lembranças ruins para ele. Talvez tenham feito isso por gentileza, mas Damaya conhece o exílio quando vê um. Mas poderia ser pior. Ninguém nunca mais vê nem menciona Colapso. (JEMISIN, 2017, p. 249, grifos do autor)

Uma análise superficial talvez apontasse a crueldade com que as crianças orogenes se trataram. No entanto, ao longo da história, é possível entender que elas são desumanizadas desde o berço, quando não são mortas pela família assim que seus poderes são notados nas comus. Confiança, amizade e tolerância não seria a prioridade em um cativo quando se tenta sobreviver aos maus tratos e aos traumas. Aliás, a frase “poderia ser pior” que Damaya pensa que “nunca mais ninguém viu Colapso”, já é um indicativo que ações sinistras ocorrem com aqueles que desaparecem, e que isso, por si só, seria pior do que a morte. De fato, na trajetória da próxima personagem a ser apresentada, Essun, o leitor descobre o destino de Colapso e dá razão à Damaya: algumas coisas são piores do que a morte.

## **Syenite: mecanismos de defesa contra o *status quo***

Syenite, ou Syen, mulher na faixa dos vinte anos, é uma orogene quatro anéis altamente treinada pelo Fulcro desde a infância. Seu objetivo é galgar a hierarquia e conquistar o máximo de anéis que sua capacidade de orogenia permite. Entre os privilégios que deseja, o mais ardente é o de obter acomodações particulares e poder andar no mundo sem a supervisão constante de Guardiões. Para isso, ela se esforça em demonstrar autocontrole, obediência e jamais, nunca, dar indícios do quanto odeia receber ordens. Subir na hierarquia orogene, porém, exige sacrifícios que vão além do treinamento sub-humano recebido. Syenite é avisada de que o orogene Alabaster, o único dez anéis que existe, acabara de retornar de uma missão. Sendo assim, Syenite é enviada até sua acomodação particular (um andar inteiro) com uma tarefa aparentemente simples: procriar.

Aqui uma análise do mundo factual no que concerne à escravidão de corpos negros se faz necessária. Nas sociedades que empregaram mão de obra escrava, entre elas os Estados Unidos, as crianças escravas eram vistas como objetos de valor monetário e investimento para o futuro. Sendo assim, filhos de escravos eram mantidos apenas por seu valor econômico, já que não conseguiam executar tarefas pesadas como os adultos. Segundo a autora Wilma King, quando documentos da época da escravidão nos Estados Unidos são analisados, é possível perceber que crianças valiam menos: segundo ela, “Recém-nascidos valiam pouco ao nascer, mas com o passar do tempo seu valor comercial aumentava. O preço dos escravos variava de acordo com a idade, sexo e saúde. (KING, 2011, p. 51, tradução nossa)”<sup>7</sup>.

Jemisin representa essa situação na procriação forçada entre orogenes para, supostamente, fortalecer a raça e fornecer filhos mais aptos a exercerem suas funções para o Fulcro. Syenite como quatro anéis precisa procriar pela primeira vez, já Alabaster, como um dez anéis que já procriou outras vezes, tem o privilégio de recusar. A experiência é traumatizante para ambos. Para Syenite, é uma obrigação que ela cumpre de forma a se preservar de, no futuro, ser usada como procriadora mais vezes. Ter um filho de um dez anéis a libertaria para ser utilizada em missões mais importantes fora do Fulcro. Para Alabaster, é algo que ele cumpre com sacrifício, pois sua homossexuali-

<sup>7</sup> Do original: Newborns were worth little at birth, but over time their financial value appreciated. The price of slaves varied according to age, sex, and health.

dade é um fator não levado em consideração por seus superiores. O que ele sabe, e ela não, é que os orogenes rebeldes (como Colapso) e os orogenes frutos de pais poderosos são mantidos sedados em unidades especiais do Fulcro. Mantidos semivivos em cadeiras de metal e conectados a todos os tipos de tubos e arames, eles têm a mente viva e o corpo inerte para controlar tremores de terra de forma instintiva. Não estão vivos, mas também não estão mortos. Syenite, eventualmente, descobrirá essa realidade.

Syenite, até então, sempre se manteve “dentro da linha” a fim de conseguir sobreviver e, de certo modo, conquistar um pouco de paz e privacidade. Em sua ilusão de cativa, ela acredita que terá a chance de se mostrar útil o bastante para sair do Fulcro e viajar com frequência, sem ser condenada à procriação frequente como outras orogenes menos brilhantes intelectualmente. O “bom comportamento” é um mecanismo de defesa pessoal para tentar sobreviver ao status quo. No entanto, após ser mandada, junto com Alabaster, para uma missão de demolição de um coral submarino em uma cidade costeira, a jornada de Syenite sofre uma guinada e todo seu respeito ao seu modo de vida transforma-se em revolta.

Syenite, ao demolir o coral oceânico, liberta um obelisco que estava no fundo do mar que se ergue e alça voo. É perseguida por Guardiões que querem matá-la, em especial por Schaffa, que a encontra e tenta assassiná-la. Ela foge com Alabaster e destrói a cidade na fuga, além de ferir Schaffa. Dada como morta, ela passa os anos seguintes de sua vida vivendo em uma ilha vulcânica no meio do mar na companhia do amante Alabaster e do amante Inno, orogene que protege a ilha e atua como líder dos piratas ali escondidos. Ele e os orogenes não treinados pelo Fulcro são chamados de Selvagens, ou seja, com domínio limitado sobre os próprios poderes. Formando um trisal com o homossexual Alabaster e o bissexual Inno, ela tem um filho com Alabaster chamado Corundum, situação que as pessoas da comu invejam, já que ela tem a posse de dois dos homens mais bonitos da comunidade. Interessante notar que, apesar dos níveis de escravidão e degradação impostas em *A Terra Partida* (genocídio, cativo, trabalhos forçados, procriação programada, higienização da raça, desumanização, utilização de corpos semivivos como fonte de energia, sedação de corpos e controle da mente, estupros etc.), a sexualidade não parece ser um assunto passível de preconceitos ou reprovação.

As diversas sexualidades incluídas nas três obras, que representam a transexualidade, a assexualidade e a sexualidade fluída, não são justificativas de escravidão no mundo da Quietude. Sobre isso, ao responder se o gênero fantástico estaria mais inclusivo, Jemisin afirma em entrevista que:

Mais do que era há 10, 20 ou 50 anos, claro. Inclusivo o suficiente para representar a raça humana ou sociedades multiculturais modernas como elas são? Ainda não. Mas acho que vai se aprimorar à medida que mais escritores provenientes de grupos marginalizados começarem a publicar seu trabalho, e mais autores de grupos privilegiados perceberem que isso é uma necessidade da boa escrita. Na ficção científica e fantasia, escritores são constantemente estimulados a representar a ciência ou a magia corretamente. Já passou da hora de tentarmos representar corretamente as pessoas. (JEMISIN, 2019)

Syenite, após alguns anos de vida feliz ao lado de Alabaster, Inno e seu filho Corundum, vê seu destino mudar novamente quando a ilha é encontrada por guardiões do Fulcro e Inno é assassinado. Syenite, perto de ver Corundum ser levado para viver uma vida de escravidão e, pior, ser conectado a uma cadeira de arame semimorto, decide matar o filho a entregá-lo. Essa atitude, aliás, é recorrente em obras que representam a escravidão, mostrando o quanto alguns pais, tomados pelo desespero e insanidade causados pela desumanização da raça negra, acabaram por optar pela morte dos filhos a entregá-los para os senhores de escravos. Inno morre, Corundum morre, Alabaster usa toda sua força e começa a se transformar em pedra, sendo levado por uma comedora de pedras, e a ilha é destruída. Syenite consegue escapar. A partir daí, ela utiliza outro mecanismo de sobrevivência além do bom comportamento inicial e além do ataque orogênico para defender a família: ela se mistura entre os quietos de uma comu e vira Essun, assim como havia feito anteriormente, quando era Damaya e largou o nome de nascença para virar Syenite.

### **Damaya, Syenite, Essun: mais de uma jornada, uma única identidade**

Em determinado momento da narrativa, o leitor finalmente compreende que as três personagens são, na verdade, três fases de vida da mesma mulher: Damaya na infância, Syenite em seus vinte anos, Essun em seus quarenta anos. Existem outras personagens femini-

nas secundárias na obra que também detêm capacidade de liderança e conhecimento sem, necessariamente, serem orogenes. Isso nos mostra que Jemisin dá muita importância às personagens femininas e as valoriza sem lançar mão de estereótipos físicos, ao contrário, em muitas cenas ela afirma que as personagens não se sobressaem por serem belas (o que nem são), mas por serem cativantes em outras formas. Sobre esse papel fundamental da figura feminina, Gvörgv realiza uma análise da primeira obra da trilogia, *A Quinta estação*, que nos dá uma ideia acerca do uso da jornada das personagens femininas para denunciar como os níveis de intolerância ao diferente e o medo do outro levam ao extermínio e à escravidão:

[em *A Quinta Estação*] Existem 23 personagens femininas no total e, o mais importante, há mais personagens femininas ativas do que personagens masculinos ativos. Não existem donzelas em perigo ou bruxas más aqui, assim como não há personagens masculinos sexistas, apenas pessoas tentando seu melhor para viverem e trabalharem juntos em um mundo desafiador para todos. A autora mostra como as mulheres são retratadas realisticamente como personagens complexas e com ricas vidas internas. Isso não se aplica somente a sua (talvez não usual) protagonista feminina Essun, mas se aplica também às personagens secundárias como Ykka, Tonkee e as heroínas femininas da História e lendas desse mundo.<sup>8</sup> (GVÖRGV, 2021, p. 72)

No segundo e terceiro volumes da trilogia, a protagonista será Essun em sua jornada em busca da filha levado pelo pai Jija. Iniciando como uma jornada de vingança, logo a narrativa se transformará em um propósito maior: a utilização dos próprios poderes para conectar-se com os obeliscos e alterar a rota da lua, trazendo-a de volta para o antigo eixo. É possível dizer que esta escolha literária é mais uma quebra de paradoxo no gênero de fantasia/ficção científica. A jornada do herói é percorrida de forma linear, ou seja, mesmo que sua trajetória apresente dúvidas, obstáculos e hesitações, ele permanece no

<sup>8</sup> Minha tradução para: There are 23 female characters in total, and more importantly, there are more active female characters than active male characters. There are no damsels in distress or evil witches here, just as there are no sexist male characters, only people trying their best to live and work together in a world that makes this equally challenging for everyone. The author shows how women can be portrayed realistically as complex characters with rich internal lives. It applies not only to her (perhaps unusual) main protagonist Essun but to her side characters, as seen in the case of Ykka, Tonkee or the female heroes of the storyworld's history and legends.

caminho para trilhar seu objetivo. Se, porventura, ele é tirado desse caminho, em seguida retorna a ele a fim de completar sua missão. Essun, ao contrário, passa dois anos seguindo os passos de Nassun pois, ao ser acolhida pela comu subterrânea Castrima, cujos habitantes convivem com orogenes, ela se envolve com um outro propósito igualmente importante: proteger a comu de uma guerra. Para tanto, ela precisa superar o fato de que sua filha está desaparecida e que Alabaster, tendo surgido em sua vida novamente, está prestes a se transformar totalmente em pedra. O leitor descobre, com o retorno de Alabaster, que ele havia sido o responsável por desencadear a Quinta Estação vigente, ao abrir uma enorme fenda na crosta da Quietude.

Paralelamente, há o caminho de Nassun, filha sequestrada que acaba matando o pai propositalmente com sua orogenia. Após dois anos de andanças pela Quietude, na companhia de Schaffa (agora arrependido seu passado), ela formula seu objetivo: conectar-se com os obeliscos e provocar a colisão da lua com a Terra, causando a destruição do planeta e acabando com a raça humana. Essun procura deixar para sua filha um mundo melhor que, no futuro, não precisará mais de orogenes, pois eles não serão mais necessários para acalmar a terra. Nassun procura dar fim à humanidade porque, em seu processo de perdas contínuas e traumas não trabalhados, ela acredita que o ser humano não tem mais salvação moral. O grande embate entre mãe e filha, com poderes equiparados, termina quando Essun se deixa vencer para não matar Nassun e acaba se transformando em pedra. O fato de estar grávida aumenta a dramaticidade do momento. Ao ver que havia matado a mãe, Nassun entra em um estado de choque e decide cumprir o plano da mãe, usando seu poder para trazer a lua de volta. A partir daí, as estações acabarão algum dia e, em um futuro incerto, o planeta não mais tentará matar os seres humanos com desastres naturais programados. O que acontecerá nesse novo mundo acerca do relacionamento entre quietos e orogenes, é uma incógnita.

Para surpresa do leitor, no entanto, finalmente o uso da segunda pessoa na obra *A Quinta Estação* é explicado. Um comedor de pedra, Hoa, personagem apegado emocionalmente à Essun, leva seu corpo transformado em pedra e, através de um processo meticuloso, a transforma em uma comedora de pedras, assim como havia ocorrido com Alabaster, transformado em comedor por outra comedora pegada a ele. Alabaster não sabe quem é, mas Hoe se certifica de manter a

identidade de Essun, agora um novo ser, uma não humana imortal, o mais próximo possível do que ela era quando viva na carne. É por isso que toda a narrativa é contada por Hoa a Essun, e quando ele afirmava “Você é ela”, ele estava narrando a sua própria história para que a mente dela não apagasse totalmente sua personalidade. Essun agora vive, mas não mais como humana. Os escravos agora estão libertos, mas em que medida ainda não se sabe.

## **Considerações finais**

A importância dada à protagonista da narrativa e, por meio dela, levar o leitor a experienciar as atrocidades da escravidão e desumanização do outro, torna a obra de Jemisin uma quebra de paradigmas dentro da literatura de fantasia por si só. Inserida no movimento afro-futurista, em que o sujeito negro é o dono de sua própria trajetória em um futuro alternativo em que a tecnologia supera os limites do real, a trilogia *A Terra Partida* inicia como uma jornada de vingança, a jornada de uma mãe em busca da filha sequestrada, e se transforma em uma jornada de resiliência e luta contra o status quo que coloca orogenes como seres não humanos e, portanto, passíveis de serem escravizados, torturados ou mortos.

O uso da técnica *media res*, que consiste em começar a narrativa pelo seu ápice para, então, contar como os eventos culminaram naquele ponto, é uma estratégia literária que mostra o quanto a autora pretende surpreender o leitor. Ao apresentar Essun, a protagonista, chegar em casa e encontrar o filho morto, ao mesmo tempo em que ocorre um abalo de proporções planetárias, Jemisin deixa o leitor com dois tipos de acontecimentos paralelos que irão se cruzar: a busca da mãe pela filha e o mundo entrando em caos através de uma grande erupção que irá jogar toneladas de cinzas na atmosfera, tapando a luz do sol e desencadeando um desastre natural chamado a quinta estação.

Se engana, porém, quem pensa que as estratégias literárias da autora param por aí. Após mostrar, em capítulos alternados no primeiro volume, a vida das personagens Essun, Damaya e Syenite, a autora revela que as três são, na verdade, uma única personagem em diferentes fases de vida. Por isso os diferentes modos de focalização, narração e pontos de vistas na trilogia. No segundo e terceiro volume, acompanhamos Essun, agora dona da narrativa.

Essun é uma heroína marcada desde a infância por violência, preconceito e intolerância. Através de suas vivências, assim como através das vivências de outros personagens secundários, é possível entender o viés de denúncia social por trás de uma obra de fantasia. O mundo em declínio, em que uma devastação mais forte do que as outras pode levar ao fim da humanidade, também é o cenário onde pessoas precisam colaborar para conseguirem sobreviver. Quanto maiores as diferenças de aptidões, maiores as chances de sobrevivência de uma comunidade. No entanto, por ignorância (e ambição), os orogenes, que, em tese, teriam a maior capacidade de ajudar ao controlar os abalos sísmicos e salvar pessoas, acabam sendo escravizados. Assim, nem em um mundo francamente perto do fim a humanidade consegue superar sua latente incapacidade de conviver com aqueles que lhes são diferentes de algum modo. Obviamente, a obra de Jemisin pode ser lida como uma referência fantasiosa do mundo pós-colonial. A figura da mulher negra, com sexualidade não heteronormativa e com poderes comparados a uma maldição, também é a história da mulher factual em um mundo real onde corpos femininos negros foram (e ainda são) vilipendiados de várias formas por aqueles que se consideram parte de uma sociedade superior. De vários modos, a obra de N. K. Jemisin é um marco de diversidade e de temas sociais dentro da literatura de fantasia.

## Referências

AIN-ZAILA, Lu. *Sankofia*: Breves histórias sobre afrofuturismo. Rio de Janeiro: Edição da autora, 2018.

BIGONI, Clara. “Africanfuturism: liberation and inclusion beyond literature with N. K. Jemisin”. *Roots and Routs: research on visual cultures*, v. IX, n. 31, 2019. Disponível em: <https://www.roots-routes.org/africanfuturism-liberation-and-inclusion-beyond-literature-with-n-k-jemisin-by-clara-bigoni/>. Acesso em: 11 jan. 2023.

DERY, Mark. De volta para o afrofuturo: entrevistas com Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose. *Ponto e Vírgula*, Edição temática, n. 1, 2020.

GVÖRGV, Erik. “The women of N. K. Jemisin: Representations of women and gender roles in the science-fantasy *The Fifth Season*.” *Sciendo*, v. 13, n. 2, p. 61-79, dez. 2021. Disponível em: <https://>

sciendo.com/it/article/10.2478/aa-2021-0011. Acesso em: 14 jan. 2023.

JEMISIN, Nora K. *A quinta estação*. São Paulo: Morro Branco, 2017.

JEMISIN, Nora K. *O portão do obelisco*. São Paulo: Morro Branco, 2018.

JEMISIN, Nora K. *O céu de pedra*. São Paulo: Morro Branco, 2019.

JEMISIN, Nora K. “Confundimos história com propaganda, afirma N. K. Jemisin.” *Estadão*, Redação, São Paulo, jan. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/alias/confundimos-a-historia-com-propaganda-afirma-nk-jemisin/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

KING, Wilma. *Stolen childhood: slave youth in nineteenth-century America*. 2. ed. Indiana: IUP, 2011.

ROTHFUSS, Patrick. *O nome do vento*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Arqueiro, 2009.

SOUZA, Waldson G. *Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea*. 2019. 102 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

TOLKIEN, John R. R. *O senhor dos anéis*. São Paulo: Harpercollins, 2020.

ZENITH, Richard. *Pessoa: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

*Recebido em: 15/01/2023*

*Aprovado em: 06/04/2023*